



CONJUNTURA

“Verifica-se uma crescente resiliência das empresas”

Os empresários continuam a acreditar que há margem para crescer e o risco do aumento do crédito malparado ou de crescerem as insolvências é relativamente reduzido, sustenta Vitor Ribeirinho. O CEO da KPMG diz que os bancos estão hoje mais bem preparados para enfrentar a crise.

FILOMENA LANÇA
filomenalanca@negocios.pt

Verifica-se no mercado português “uma crescente resiliência das empresas e não é uma resiliência de sobrevivência”. É uma resiliência no bom sentido, uma capacidade de reagir às adversidades, de se renovarem, de fazer investimento”. Tanto que “estão hoje mais bem preparadas” e, se é certo que “há

uma consciência de que estamos quase numa recessão, essa consciência faz com que as empresas, elas próprias, tomem medidas preventivas para garantir que pode ser ultrapassada” A análise é de Vitor Ribeirinho, CEO e “chairman” da KPMG Portugal, que considera que “ainda que tenhamos “uma conjuntura e indicadores que exigem maior prudência”, não temos nesse momento “um risco elevado de termos uma cadeia de insolvências nesse tecido empresarial”.

Em entrevista ao Negócios, o especialista fala num “otimismo moderado”, decorrente do “bom sinal que 2022 nos deu, apesar dos arrefecimentos nos últimos tri-

mestres, em consequência, também, da geopolítica e de fatores exógenos”, e das perspetivas de crescimento para o país, entre os 1,8% e os 2% este ano. A inflação e as taxas de juro são, naturalmente, o que mais preocupa os investidores, aponta. Ainda que, no primeiro caso, seja de “esperar uma atenuação gradual” e, no segundo, “a expectativa seja de que se possa chegar a níveis moderadamente mais baixos do que os que tivemos no passado recente”.

O CEO da KPMG acredita, por outro lado, que o setor bancário conseguirá navegar, de forma relativamente tranquila, por entre os vários perigos que a atual conjuntura encerra. Na consultora, um

peso substancial de serviços são prestados à banca e “aqui que fomos observando [durante o período da pandemia], fomos certamente preocupados dos banqueiros relativamente à conjuntura, ou seja, sempre tiveram confortados de que a conjuntura e as medidas tomadas eram suficientes para mitigar esse risco”, diz. Mas essa preocupação manteve-se? Vitor Ribeirinho acredita que sim. “Mesmo havendo uma expectativa razoável de que o malparado possa crescer ao nível das famílias e também das empresas, eu diria que esta almofada que o crescimento das taxas de juro traz à margem financeira dos bancos é um fator que dissocia desse risco,

ou seja, de haver um risco de perdas muito substanciais”.

Empresários confiantes

O último barômetro da KPMG resultante de inquéritos aos empresários sobre as perspetivas económicas para as suas empresas, revelou que os gestores portugueses se mantêm otimistas, e mais de 64% dos inquiridos consideraram que nos próximos três anos há “boas condições para que o crescimento económico se mantenha”, explica Vitor Ribeirinho. Já quando a pergunta é em relação ao país, “ai há um pessimismo generalizado”, acrescenta. E aí, uma das palavras-chave, defende, é “investimento”.

Do Estado, e das próprias empresas, que têm de ter “capacidade para fazer os investimentos necessários na sua ampliação, nos seus negócios, quer seja em Portugal, quer seja no exterior, na contratação continuada de pessoas e na retenção de talentos”.

E aqui entra a questão fiscal.

Os impostos são muito altos em Portugal e retiram margem de manobra aos empresários, defende o CEO: “A verdade é que continuamos a assistir à fuga generalizada do talento nacional.”

O atual regime dos residentes

não habituais (20% de IRS para os chamados cérebros) não é atrativ-

vo? “Não, e aqui o Estado tem de nos dar uma ajuda”, avisa. O ministro das Finanças, refira-se, não tem dado grandes sinais de ter alguma intenção de mexer nas taxas de ITC. Mas a Economia veio alguma esperança, quando o ministro “assumiu há uns dias que nem sempre Portugal tem garantido um caminho suficientemente incisivo nessa matéria [fiscal] que nos permite comparar” com os parceiros.

Para as empresas há agora o anúncio de uma nova contribuição extraordinária, para o alojamento local. Vitor Ribeirinho desdramatiza, “Há uma conjuntura favorável a que o Governo possa tirar alguma tributação adicional de um setor que está com muita pujança, e não me parece que o objetivo seja penalizar o alojamento local”, afirma. Quanto à taxa, “será quem nos visita que a vai pagar, não tenho dúvida nenhuma”, diz.

Nas sua opinião, há um problema com a habitação que é preciso resolver e o setor imobiliário está suficientemente forte para aguentar o embate das novas medidas. A começar pelo fim dos vistos “gold”, que, sublinha, foram muito importantes na atração de investimento. Hoje “a origem de investidores não é a mesma, mas o interesse sobre Portugal mantém-se ou aumentou”, conclui. ■

“
Verifica-se uma crescente resiliência das empresas e não é uma resiliência de sobrevivência. É uma resiliência no bom sentido.

Esta almofada que o crescimento das taxas de juro traz à margem financeira dos bancos [afasta] um risco de perdas substanciais.

A origem de investidores não é a mesma, mas o interesse sobre Portugal mantém-se ou aumentou.

VÍTOR RIBEIRINHO
CEO da KPMG Portugal

De Évora para o Médio Oriente. KPMG quer descentralizar conhecimento

Consultora apostou na “descentralização” e, depois do Alentejo, prepara novos investimentos, desta feita para a região do Porto e interior. Objetivo é levar a empresa para onde possam estar especialistas.

A KPMG vai inaugurar em junho um “hub” tecnológico em Évora, uma parceria com a Universidade local e que vai ser uma extensão do centro tecnológico sediado em Lisboa e no qual a consultora tem vindo a apostar nos últimos anos. A ideia é “fazer projetos internacionais à escala global a partir de Portugal” e um dos alvos é o Médio Oriente, onde a KPMG está já a desenvolver negócios. Tudo numa lógica de descentralização, sendo que, além de Évora, há outras apostas na cachaia, também fora de Lisboa, mas na região do Porto.

Vitor Ribeirinho, 55 anos, fez praticamente toda a sua carreira na KPMG, onde entrou há 25 anos. É CEO e presidente do conselho de administração desde outubro de 2021, e para os cinco anos de mandato tem o objetivo de “quase duplicar” os recursos humanos da consultora. Em 2022 entraram 450 pessoas, das quais 270 jovens recém-licenciados que reforçaram as três áreas de negócios: auditoria, fiscal e consultoria. “95% passam aos quadros da empresa ao fim de seis meses de período experimental”, explica. Em 2023, a meta é idêntica: contratar mais 450 pessoas, e o objetivo é que dentro de um ou dois anos “ter cerca de 100 pessoas a trabalhar em Évora”.

Em termos de faturação, Vitor Ribeirinho quer terminar os cinco anos do mandato perto dos 200 milhões de euros anuais, o que compara com os 112 milhões registados em 2021. “Para isso precisamos de chegar às 2.000 pessoas” e uma das grandes apostas passa pela área da inovação, explica o responsável.

A consultora está presente em mais de 143 países e, por cá, Évora não será o único destino em matéria de descentralização. A empresa tem hoje presença no Médio Oriente, com capacidade financeira, mas “uma enorme dificuldade em encontrar talento para fazer face a toda a revolução tecnológica que está a acontecer na região, nomeadamente na Arábia Saudita, no Dubai, Bahrain, no Kuwait”, exemplifica Ribeirinho. “Este é um mercado nicho que temos vindo a desenvolver e no último ano, mais de 10 milhões de euros de faturação da KPMG Portugal veio daquele lado”, sendo que o objetivo é “duplicar nos próximos dois anos”, descreve, sendo que um dos projetos em cima da mesa passa por “replicar lá o nosso centro tecnológico”, a partir dessa região”, mas “com recursos mistos”, ou seja, meios humanos de lá, formados pela KPMG “ajudando a desenvolver os talentos lá”, remata. ■

No último ano, mais de 10 milhões de faturação da KPMG Portugal vieram do Médio Oriente.

FILOMENA LANÇA